



7. Discursos Construídos em Torno dos Cabarés e das Prostitutas Durante o Estado Novo em Aracaju

Débora Souza Cruz^I

Este artigo tem como objetivo analisar os discursos médicos e jornalísticos construídos em torno das prostitutas e dos cabarés durante o período conhecido como Estado Novo (1937-1945), na cidade de Aracaju. O Estado Novo foi caracterizado como um dos períodos mais autoritários da história do Brasil, no qual Getúlio Vargas tentava controlar a população brasileira. Como estratégia para que suas medidas governamentais fossem cumpridas, nomeou alguns interventores. Em Aracaju, os interventores responsáveis pela difusão das ideias varguistas foram Eronides de Carvalho, Milton Pereira de Azevedo e Augusto Maynard Gomes. Um dos seus principais objetivos era a busca pela modernização, civilização e higienização dos corpos, contanto principalmente com a ajuda de médicos sanitaristas da época. Colocados como entraves ao projeto modernizador, as prostitutas e os cabarés eram frequentemente bombardeados pela imprensa local, sendo caracterizados negativamente. Entretanto, apesar de tanta vigilância e estereótipos construídos sobre estas mulheres e locais, percebemos que eles nunca deixaram de existir e passaram a ser vistos como um “mal necessário”.

Palavras-chave: Estado Novo, Aracaju, discursos, prostitutas, cabarés.

This article aims to analyze the medical and journalistic discourses built around prostitutes and cabarets during the period known as the Estado Novo (1937-1945) in the city of Aracaju. The New State was featured as one of the most authoritarian periods in the history of Brazil, in which Vargas was trying to control the population. As a strategy for their government measures were met, named some intervenors. In Aracaju, the stakeholders responsible for the spread of ideas were Eronides Vargas de Carvalho, Milton and Augusto Pereira de Azevedo Gomes Maynard. One of his main goals was the quest for modernization, civilization and hygiene of the bodies, provided mainly with the help of medical health officers at the time. Placed as obstacles to modernizing project, prostitutes and cabarets were often bombarded by the local press, being characterized negatively. However, although such surveillance and



stereotypes about these women and built sites, realize that they have never ceased to exist and were seen as a "necessary evil".

Keywords: New State, Aracaju, speeches, prostitutes, cabaret.

Entre os anos de 1937 a 1945, o Brasil experimentou um dos períodos mais autoritários da sua história, o Estado Novo. O Estado Novo desenvolveu-se no Brasil em um período entre as guerras, no qual o sistema liberal se encontrava em crise por se mostrar incapaz de solucionar os problemas sociais. Diante desta situação e das críticas à democracia, uma das soluções encontrada foi à busca por um Estado centralizador, forte e conduzido por um líder carismático, capaz de estabelecer a ordem entre as massas. Desta forma, Getúlio Vargas se tornava o líder do país e conduzia um dos regimes mais repressivos da história nacional. Com uma forte concentração no Executivo Federal, censura através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e proibição de qualquer manifestação oficialmente contrária ao seu governo, Vargas tentava controlar o cotidiano da população brasileira. Em Sergipe, o primeiro governante neste período foi o médico Eronides de Carvalho.^{II}

Dentre os ambientes que deveriam ser mais policiados e controlados na época estavam os cabarés. Estes, segundo o governo, reuniam os três elementos que deveriam ser evitados principalmente pelos homens aracajuano: o álcool, as orgias e os jogos de azar. As prostitutas e seus ambientes de trabalho representavam um entrave a modernização e disciplinarização que Vargas buscava no seu governo.

Preocupados com a presença das meretrizes e a freqüente procura por parte dos homens e rapazes aracajuano pelas mesmas, o Governo, médicos e sanitaristas, alertavam a população de Aracaju para a importância da educação moral e sexual que os pais deveriam transmitir aos seus filhos, principalmente aqueles de sexo masculino. É importante lembrar-nos que neste período (1930-1940), o saber médico era considerado único e legítimo, além disso, os profissionais da saúde desempenhavam a função de transformar as cidades em espaços civilizados e livres de doenças e da falta de higiene. Entretanto, tal tarefa não foi fácil.

Exemplo da dificuldade encontrada para colocar em prática novos modos na população aracajuana, é uma nota de desabafo escrita por um repórter no Jornal Folha da Manhã. O



repórter estava sentado em um dos cafés da cidade, Café Moca, situado no cruzamento da Rua João Pessoa com Laranjeiras, quando viu um “homem do povo” que se dirigiu para o rio Cotinguiba, a fim de jogar um cavalo que já estava em estado de putrefação. A revolta do repórter é concluída da seguinte maneira: “tal hábito, de gente sem noção de educação, precisa ter um corretivo, principalmente agora que o nosso serviço de saúde pública está tão severo e eficaz”.^{III} Nas últimas palavras do repórter, percebemos que se trata de um período em que mudanças na política sanitária estavam severamente tentando ser implantadas na capital.

Toda esta preocupação por parte do jornalista com os “maus hábitos” ainda presentes na capital, estava relacionada ao desejo de que Aracaju fosse enquadrada dentro dos moldes da modernização e civilização, principalmente tomando como exemplo cidades europeias. Por isso, não só o repórter, mas também o governo almejavam transformar alguns hábitos da população. Estas mudanças estavam relacionadas à saúde pública, à higienização e ao policiamento dos corpos. Dessa forma, a falta de higiene e a procura pelas prostitutas, representavam não só um entrave para as medidas morais e progressistas não só para Aracaju, mas para toda a nação.

Além dos médicos e sanitaristas, a imprensa local funcionava como uma difusora de valores no projeto civilizador, mas também era eficiente em atribuir qualidades depreciativas e clichês em relação às “mulheres de vida fácil”. Frequentemente, vários discursos eram construídos e divulgados em jornais e revistas, no qual as prostitutas e os cabarés eram os principais alvos de ataques. Levando em consideração a afirmação de Foucault, em que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos”,^{IV} notamos que era justamente através dos discursos publicados na imprensa que Vargas tentava manter a moral e os bons modos na capital, como podemos perceber na nota de jornal denominada A má educação, fonte de má saúde física e moral^V

[...] Quando a criança se encontra em face de dificuldades e exigências sociais procuram um meio de evadir-se. Este meio podem ser os tóxicos, o álcool, as perversões sexuais, se alguma profunda ligação afetiva ou se uma irreprimível inclinação religiosa não a salvar destas misérias extremas [...].



Neste período, a religião e a família eram vistas como duas instituições que deveriam ser sólidas e seguras para que os homens não procurassem uma casa de prostituição, cassinos ou bares como uma válvula de escape para suas perversões sexuais. Se o caminho escolhido fosse os cabarés, existia o risco do casamento, que tanto era estimulado pela Igreja, desmoronar dando início a um divórcio.

Por sua vez, o divórcio não era visto com bons olhos pelos “moralistas” da época, pois segundo eles a sociedade iria caminhar “para a devassidão, aberrando contra os sentimentos daquilo que mais deveria ser respeitado, a família”.^{VI} Além disso, um bom e respeitável homem era aquele que vivia com uma única parceira até o último momento de sua vida, pois só assim a prostituição deveria ser evitada.

Foi baseado em uma sociedade extremamente moralista e na valorização de valores defendidos pela igreja como a união sexual monogâmica, família e virgindade, que o conceito de prostituição foi produzido. Sendo assim, antes mesmo dos discursos e propagandas pejorativas incentivadas no período do Estado Novo em relação a prostituição, seu conceito já veio enraizado de sentidos negativos.

Sem se enquadrar nos valores defendidos pela Igreja e sociedade, as prostitutas ocupavam uma posição totalmente oposta a “rainha do lar”, a mãe exemplar. As meretrizes, que optavam viver sexualmente livres, na maioria das vezes não estavam dispostas a dedicar suas vidas à maternidade e ao matrimônio, que eram considerados as duas principais funções que deveriam ser desempenhadas pelas “mulheres normais”, o que fazia com que o preconceito aumentasse ainda mais sobre elas. Porém, nem todas às vezes seria possível criar esta fronteira imaginável entre “rainha do lar” e “dama da noite”.

Na sua obra Aracaju romântica que vi e vivi, o memorialista Murillo Melins conta que certa noite, em que se encontrava em um bar no centro da cidade, escutou a voz de um boêmio ao lado que perguntava ao seu amigo quem eram aquelas mulheres elegantes que estavam olhando as vitrines das casas comerciais. Como resposta, ouviu que se tratava de “mulheres da noite” que saíam das pensões como a Mira-mar e vinham, assim como qualquer outra mulher, apreciar as roupas do “comércio da vaidade”.^{VII}

Mesmo a sociedade tentando ao máximo impor uma linha de separação e contraste entre mulheres da vida e mulheres “direitas”, essas nem sempre se vestiam com roupas e adereços



que pudessem identificá-las como tal. Muitas prostitutas de luxo chegavam a freqüentar lugares em que as mulheres respeitáveis também se encontravam.^{VIII}

Apesar de nem sempre haver esta distinção, era necessário colocar as mulheres de vida fácil como pessoas que desviavam o caminho da moralidade a ser seguido. Dessa forma, era importante colocá-las para a sociedade como a principal causa para o desestruturamento familiar e entre outras imagens negativas que eram projetadas diariamente sob as meretrizes. Outra caracterização frequentemente encontrada era a da principal responsável pela disseminação da sífilis e de outras doenças venéreas. Tal discurso era sustentado principalmente pelos médicos e especialistas, que tentavam constantemente frear o aumento das doenças sexualmente transmissíveis e buscavam justificar suas origens por meio do crescente comércio dos corpos, como constatamos nos trechos a seguir retirados do jornal Folha da manhã:

[...] A primeira vista parece que o problema das doenças venéreas não tem também suas origens no pauperismo, senão numa falta de educação sanitária. Pensamos ao contrario. Começamos pelo problema da prostituição, único fator da transmissão das molestias venereas (...) é a prostituição uma nodoa na sociedade de uma Nação, mercado da carne para o sustento de infelizes criaturas [...].^{IX}

Na nota médica acima percebemos mais uma vez a preocupação em investir nas palestras direcionadas a população aracajuana com temas referentes a educação sexual e educação sanitária, já que segundo o texto, o problema das doenças venéreas não está ligado ao fator financeiro da cidade, mas na escassez de uma orientação relacionada a higiene. Foi pensando neste problema que o Governo, juntamente com profissionais da saúde, realizou no dia 2 de outubro de 1945 a Primeira Semana Anti-Venérea na capital sergipana.^X

A programação teve exposições públicas, conferências e palestras que foram realizadas no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, além de fábricas, colégios e corporações militares. As palestras contaram principalmente com a presença de médicos do Departamento de Saúde como Dr. Carlos Firpo,^{XI} Dr. Carlos Souto e Dr. Walter Cardoso, então diretor do Departamento de Saúde.

Além da necessidade de se realizar a Primeira Semana Anti-Venérea, notamos que as indagações feitas por médicos e higienistas não vieram em benefício das meretrizes, muito



pelo contrário, serviram para estereotipá-las ainda mais. As prostitutas estão descritas como “infelizes criaturas” que trazem como consequência do seu trabalho uma “nodoa” não só para a cidade de Aracaju, mas toda a Nação. Ou seja, são elas, juntamente com a comercialização dos seus corpos que deixam uma “sujeira” nas ruas, afrontando os valores morais e higiênicos que estavam tentando ser implantados. São elas que auxiliam na difusão de doenças.

Tais valores morais e higiênicos vieram acompanhados de uma nova política sanitária que estava estruturando não só em Aracaju, mas em vários locais do Brasil desde os anos de 1920.^{XII} Porém, devemos atentar para o fato de que as prostitutas, apontadas como a principal forma de contágio com a sífilis, não recebiam quase nenhum investimento na educação sexual e orientação sanitária. A consequência disso era que elas acabavam se tornando mais vulneráveis às doenças venéreas e enquadradas como imundas, feias e doentes.^{XIII}

Com estas descrições acima que o memorialista Mário Cabral irá enquadrar em sua obra Roteiro de Aracaju, as damas da noite que ficavam comercializando seus corpos no Curral. Segundo ele, eram “mulheres feias, magras, cobertas de farrapos, corroídas pelas moléstias mais graves e mais vergonhosas que vendiam por um prato de comida o seu corpo doente, em um arremedo de amor que causava nojo e piedade”.^{XIV} Tais características transformavam, difundiam e até generalizavam um modelo de meretriz que não era nem um pouco convidativo para os homens.

Não diferente do memorialista Cabral, outros poetas da época relatavam em suas obras caracteres negativos relacionados às mariposas que eram publicados em jornais e revistas da capital. Um dos poemas encontrados é denominado No Cabaré, e foi divulgado na revista Novidade, tendo como autor José Fábio dos Anjos:

Vagando por uma noite fria de inverno, Ouço
rúidos, algazarra, um inferno Despertando em
mim uma estranha alegria (...)
Meus olhos querem ver (...) Penetro-me, afinal, na casa da orgia.
(...) Contrastando o que há de puro e castro,
Mulheres febris estorcem-se semi-núas (...)
(...) Uma mulher magra, de pálida belêsa
Fuma, sorri, bebe e canta como louca!



(...) um riso de escárneo escapalhe da boca (...) ^{XV}

Nos versos acima, mais uma vez notamos a presença de estereótipos negativos construídos em torno das “mulheres de vida fácil”. Novamente são apresentadas como doentes, esqueléticas, não apresentáveis e entregues aos vícios que deveriam ser evitados, o álcool e a orgia. Porém, apesar desta realidade encontrada pelo poeta, nota-se que há um interesse e uma curiosidade presente no mesmo, assim que escuta os ruídos e a “algazarra” que vem de dentro do cabaré. Ao mesmo tempo em que o mundo das meretrizes se apresenta como assustador, desperta no autor “uma estranha alegria” que o convida para entrar no prostíbulo. Era justamente por constituir um ambiente tão assustador, mas ao mesmo tempo tão fascinante, que tais espaços também eram colocados e deveriam ser difundidos para a população como ambientes sombrios ^{XVI} e perigosos, lugares que apenas serviam para o contágio com as doenças sexualmente transmissíveis.

Era com base nesta descrição acima, ou seja, um lugar que não deveria ser freqüentado porque possuía apenas malefícios, que as propagandas de pomadas, elixir e médicos especialistas que garantiam a cura da sífilis em apenas poucos dias, se utilizavam. Notamos nas imagens a seguir, que o cabaré e a meretriz são interpretados como “uma porta aberta para muitos males” e que bastava o contato com ambos, tanto com a mulher horizontal, quanto com os prostíbulos, para que tais “doenças de mau caráter” fossem aderidas facilmente.

Na figura 01 podemos notar estes malefícios difundidos pela imprensa em relação à meretriz e seu local de trabalho. A prostituta se encontra em um ambiente escuro, no qual a lua e as estrelas se fazem presentes no céu, o que pode ser relacionado com o turno que ela trabalhava, ou ainda com o ambiente sombrio e maléfico que era colocado sobre os cabarés. As árvores, que estão próximas do prostíbulo, não possuem nenhum tipo de fruto e se encontram ressecadas, o que demonstra mais ainda um ambiente triste e “sem vida”.

A meretriz está encostada em um poste, que também funciona como uma parada para transportes, mas que neste momento está convidando os homens aracajuanos para parar e conhecer a “mulher de vida fácil”. Outro elemento que faz com que os boêmios não resistam à prostituta é a sensualidade da mesma, já que ela se apresenta com uma pose um tanto quanto oferecida e com vestimentas provocativas para sua época (saia, salto alto e blusa caída nos ombros). Ainda podemos notar a proximidade da meretriz ao esgoto, mostrando que tanto o



cabaré quanto a prostituta, se encontram em um ambiente imundo e decadente, onde as noções de higiene e modernização passam bem longe dali. Ainda na figura 01 notamos também a porta aberta do cabaré, o que facilitava ainda mais o contágio com as doenças venéreas.

Tal imagem da “porta aberta” também está presente na figura 04, onde ela representa um caminho “para muitos males”. Males estes que não se restringiam apenas às doenças venéreas, mas que iam de encontro a toda noção de moralidade defendida pela Igreja. Foi justamente pela “falta de boas condutas e índole” por parte dos aracajuanos que frequentavam os cabarés, que a figura 03, propaganda da pomada secativa de São Lázaro, promete a cura de “todas as feridas, mesmo as de mau caráter”.

Além da caracterização dos prostíbulos como ambientes sombrios que possuíam mulheres esqueléticas, pálidas, doentes e feias, os cabarés eram também representados na imprensa como palcos para cenas de violência e badernas. No dia 13 de maio de 1938, o Jornal O Nordeste fazia uma denúncia em relação ao Bar Brahma, local onde muitas mariposas se faziam presentes após as 22 horas :

[...] a Brahma encrustada como se encontra, constitui uma mancha negra no coração de Sergipe, que a civilização não permite a sua perpetuidade. A Brahma, além de constituir um insulto a memória de João Pessoa, é um ultraje à sociedade pela sua frequência duvidosa. (...) A Brahma, de cabaret, assim mesmo de 5ª classe, só possui a devassidão, o deboche, o vício e a irresponsabilidade (...) Localizada como está, frequentada como é; fazendo ressoar aos ouvidos dos que passam pelas suas portas a união de gritos esterco de mulheres portadoras dos prazeres fáceis [...].^{XVII}

Mais uma vez a expressão “mancha”, sinônimo de difamação e carregada de negatividade em relação aos prostíbulos, é utilizada em discursos presentes nos jornais locais. Neste caso, uma das maiores revoltas do autor é que o endereço em que fica localizado o bar, Rua João Pessoa,^{XVIII} centro da capital, além de não fazer jus e respeitar o político renomado que possui o mesmo nome e pelo qual o local foi assim chamado como forma de homenageá-lo, não deveria estar tão bem centralizado, já que a rua era muito movimentada devido ao grande número de casas comerciais.



Ainda sobre a localização do Bar Brahma, devemos ressaltar que além deste bar, que também era um prostíbulo, muitos outros cabarés ficavam concentrados nas áreas centrais e comerciais da cidade, o que contava como um ponto positivo para atrair clientes pertencentes a diversas classes sociais. A nota ainda afirma que as meretrizes que ali se encontram são baderneiras ou desequilibradas, contribuindo para a situação caótica da cidade e ameaçando a tranquilidade dos moradores.^{XIX} Seguindo a mesma caracterização construída sobre as prostitutas e dos cabarés, mais uma vez o Bar Brahma aparece na imprensa como ambiente propício para conflitos.

Numa sexta-feira, mais precisamente no dia 8 de outubro do ano de 1937, uma violenta cena se sangue teve início no bar. A briga ocorreu altas horas da noite entre José Vianna e um “homem de bordo” conhecido como Conde. O que mais nos chama atenção é que o ocorrido se deu devido ao ciúme que Vianna sentiu em relação a uma prostituta “das suas predileções”, chamada Maria Augusta, que ali se encontrava trocando carícias com o marujo.

Após a troca de carinhos no bar, Conde decidiu usufruir do trabalho da mulher horizontal na casa da mesma, porém antes de se direcionar para a residência de Maria Augusta, que ficava entre a Rua Laranjeiras e Siriri, o marujo foi até a sua embarcação e levou sua arma de fogo. Enquanto isso, Vianna, inconformado e ainda tomado pelo alto teor alcoólico, se direcionou também para a residência de Augusta. Quando ambos novamente se encontraram, foram travadas novas discussões que culminou com quatro tiros executados pelo marujo tendo como alvo Vianna.

Entretanto, mesmo sabendo que a morte foi provocada pelo marujo de nome Conde, a principal responsável pelo acontecimento, segundo o jornal, é a prostituta Maria Augusta, colocada como o “pivot da questão”. Ao final do relato sobre o ocorrido “Maria Augusta foi recolhida à prisão e o cadáver do infeliz foi dado a sepultura”.^{XX} O assassino não é preso nem mencionado pelo jornal. Vianna, que se direcionou a residência da prostituta e optou por dar continuidade ao conflito, acaba sendo vitimizado. No lugar do marujo, Maria Augusta, que possui uma profissão baseada no comércio do seu corpo, portanto, não tem a obrigação de deitar-se com um único homem, foi presa e colocada como principal agente.



Responsáveis pelo desestruturamento familiar, “pivot” de conflitos que acabaram em mortes, transmissoras da sífilis, opostas a mulher-esposa-mãe, feias, doentes e esqueléticas, moradoras de ambientes imundos, enfim, mesmo com todos estes estereótipos construídos sobre as meretrizes e toda vigilância voltada para a “casa da orgia” durante o período do Estado Novo, a prostituição e suas personagens e ambientes não deixaram de existir. Existiram alguns motivos para o não desaparecimento do amor venal.

Um deles é que apesar da mulher de vida fácil não ser vista com bons olhos pela maioria da população aracajuana, ela possuía um papel fundamental, era o da iniciação na vida sexual dos rapazes aracajuanos. Geralmente, a iniciação na vida sexual do adolescente se dava no prostíbulo e não raras às vezes este era levado pelo seu pai ou parente próximo. Ao ter sua primeira relação com uma mulher pública, o jovem rapaz estaria despejando seus impulsos libidinais nas casas de prostituição, mas mantendo as “moças direitas” e futuras esposas virgens. Dessa forma, a prostituição podia ser compreendida como um mal necessário. Se de um lado tal atitude era moralmente condenada pela sociedade, por outro ela era bem-vinda, pois representava um escudo protetor para alguns valores e comportamentos como a virgindade.

Assim como os rapazes que tinham sua primeira relação com as prostitutas, estavam livrando as moças do “pecado carnal”, muitos homens casados mantinham relações com meretrizes com a desculpa de que sua mulher não poderia realizar seus fetiches sexuais, pois era algo considerado anormal e pervertido para as “direitas”. As mulheres vistas como “normais”, não podiam revelar sua sexualidade natural, pois corria o risco de ser comparada com uma “mulher da vida”. Além do mais, era no cabaré que todo cliente perdia sua identidade por algumas horas de prazer “para compensar a rotina monótona da vida familiar”^{XXI}. Enquanto a castidade das esposas eram mantidas, as meretrizes apresentavam um “menu variado” para seus clientes e entravam em cena com o personagem e desejos solicitados pela sua clientela.

Desempenhando papel de iniciação sexual e preservação da virgindade e castidade de moças e mãe de família, os bordéis não só representavam um ambiente propício para o prazer. A ida a um prostíbulo nem sempre representava a busca por sexo. Muitos dos seus frequentadores iam em busca de uma boa música para ouvir ou de um momento de prosa com seus companheiros de farras, faziam contatos políticos, discutiam negócios, escreviam poesias e até se inspiravam para futuras composições literárias, mesmo que estas viessem para auxiliar nas qualidades



depreciativas da meretriz ou do bordel. Ainda “era possível inclusive começar uma carreira artística. Alguns dos artistas de rádio sergipano tiveram os seus primeiros contratos em estabelecimentos como estes”.^{XXII} Além de um ambiente onde a sociabilidade estava presente, não podemos esquecer que nos anos de 1930 e 1940, a cidade de Aracaju não possuía muitos locais de lazer.

Os cabarés eram locais em que lazer e prazer poderiam ser desfrutados por um preço acessível. A maioria dos trabalhadores, por exemplo, não tinham dinheiro para gastar em espaços requintados como o Café Ponto Chic. Portanto, uma das opções mais escolhidas era o Vaticano, o Bomfim, o Mira-mar e entre outras “casas da luz vermelha”.

Era após um dia inteiro de labor que os operários aproveitavam a vida noturna e recompensavam o trabalho e a disciplina industrial. Em um período da história caracterizado pela censura, vigilância e repressão como foi o Estado Novo, a construção destas redes sociais e a busca por tais ambientes significavam que a população buscava momentos de distrações e liberdade mesmo que por alguns instantes. O mundo do prazer propiciava a aproximação dos indivíduos com o coletivo, o que acabava deixando para trás todas as caracterizações negativas das “mulheres de vida fácil” e dos cabarés, associando-os mais como um pecado do que como uma doença.

Notas

^IGraduada em História pela Universidade Federal de Sergipe, membro do GET (Grupo de Estudos do Tempo Presente) e integrante do PET (Programa de Educação Tutorial). E-mail: deborasouzapet@hotmail.com

^{II}Eronides Ferreira de Carvalhonasceu em Canhoba (SE), no dia 25 de abril de 1895. Em 1911 matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, concluindo em 1918. No ano seguinte, tornou-se Diretor-Geral interino da Higiene e Saúde Pública de Sergipe. em 1923, foi aprovado para o corpo de Saúde do Exército. Em 1924, tornou-se primeiro tenente e dois anos depois fez parte do grupo que perseguiu a Coluna Prestes no Nordeste. Em 1935 tornou-se Governador Constitucional, sendo eleito indiretamente. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, onde tinha um Cartório, em março de 1969. Sobre Dom José Tomaz ver: BARRETO, Luiz Antonio. Dicionário de nomes de denominações de Aracaju. Aracaju: Banese, 2002.

^{III}Folha da manhã. Um péssimo hábito que precisaria desaparecer. Aju, 10 de janeiro de 1939, p. 01.

^{IV}FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

^VLIMA, Hermes. Folha da manhã. A má educação, fonte de má saúde física e moral. Aju, 14 de abril de 1939.



- ^{VI} MELO, Luiz Pereira de. Folha da manhã. O divórcio. Aju, 5 de fevereiro de 1939, p. 05.
- ^{VII} MELINS, Murillo. Aracaju Romântica que vi e vivi. 3. ed. Aracaju: Unit, 2007. p. 179.
- ^{VIII} RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 37.
- ^{IX} Folha da manhã. Nota médica. Aju, 22 de setembro de 1945, p. 02.
- ^X Folhada manhã. Primeira Semana Anti-Venérea. Aju, 28 de setembro de 1945, p. 02.
- ^{XI} Carlos Firpo foi considerado um médico renomado, além assumir a prefeitura de Aracaju entres os anos de 1941 a 1942. No dia 23 de março de 1958, Firpo Fo assassinado em sua própria residência enquanto dormia. Tal crime foi muito comentado na época e agitou a cidade aracajuana. Ver mais em BARRETO, Luiz Antonio. Dicionário de nomes de denominações de Aracaju. Aracaju: Banese, 2002.
- ^{XII} MAYNARD, Dilton. Cafés e pinga-pus na Aracaju da II Guerra (1939-1945). Universidade Federal de Sergipe: Relatório final PIBIC, 1998, p. 03.
- ^{XIII} RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 162.
- ^{XIV} CABRAL, Mário. Roteiro de Aracaju. 3.ed. Aracaju: Banese, 2001. p.124.
- ^{XV} ANJOS, José Fábio dos. No Cabaré. Revista Novidade. Aju, ano 4, nº 14, 1939.
- ^{XVI} POZZOLI, Marilita. No cabaret. Correio de Aracaju. Aju, 24 de novembro de 1937, p. 04.
- ^{XVII} O Nordeste. A Brahma. Aju, 13 de maio de 1938, p. 01.
- ^{XVIII} João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque nasceu em Recife no ano de 1878 e morreu em 1930 na sua cidade natal, onde foi assassinado. Ganhou destaque na política, na qual conseguiu assumir o cargo de presidente do estado da Paraíba. Ver mais em BARRETO, Luiz Antonio. Dicionário de nomes de denominações de Aracaju. Aracaju: Banese, 2002.
- ^{XIX} Correio de Aracaju. Violenta scena de sangue! Aju, 8 de outubro de 1937, p. 04.
- ^{XX} Idem.
- ^{XXI} RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- ^{XXII} MAYNARD, Dilton. Cafés e pinga-pus na Aracaju da II Guerra (1939-1945). Universidade Federal de Sergipe: Relatório final PIBIC, 1998, p. 06.

Referências Bibliográficas

BARRETO, Luiz Antonio. **Dicionário de nomes de denominações de Aracaju**. Aracaju: Banese, 2002.



- BASSERMANN, Lujo. **História da prostituição: uma interpretação cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- BUSSETO, Áureo. **Em busca da caixa mágica: o Estado Novo e a televisão**. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, vol. 27, nº 54, jul-dez, 2007, p. 177.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.
- DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- DANTAS, Ibarê. **Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- DOIN, José Evaldo de Mello; NETO, Humberto Perinelli; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro; PACATO, Fábio Augusto. (OBS: tem mais 3 autores). **A Belle Époque caipira: problematização e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no mundo do Café (1852-1930)**. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, vol. 27, nº 53, jan-jun, 2007, p. 91.
- ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FONSCECA, Silva. **Getúlio Vargas**. São Paulo: O Globo, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho**. São Paulo: EDUSC, 2002.
- MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **A arma retórica: o uso do rádio em Sergipe (1939-1945)**. São Cristóvão: UFS, 2003.
- MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Em tempos de guerra: aspectos do cotidiano em Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)**. São Cristóvão: UFS, 1998.
- MAYNARD, Dilton. **A redenção da raça: apologia corporal na Aracaju dos nos 30 e 40**. **Revista de Aracaju**. Aracaju: FUNCAJU, vol 1, nº 11, 2005 p. 87.
- NASCIMENTO, Uelba Alexandre de. **O doce veneno da noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. Campina Grande: EDUFCEG, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, vol. 27, nº 53, jan-jun, 2007, p. 11.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 3 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985.



RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.